



**Alinhavando bordados:
uma análise narrativa de Bordados de Marjane Satrapi¹**

***Stitching embroideries:
a narrative analysis of Embroideries by Marjane Satrapi***

Lara Bianca Alves LIMA²

Christlene Carvalho dos Santos Pereira CAVALCANTE³

Resumo

Este estudo identifica os conceitos narrativos de Yves Reuter (2002) na história em quadrinhos *Bordados* (2010), obra de Marjane Satrapi, um compilado de contos sobre experiências pessoais das mulheres de sua família. Aqui focamos especialmente nas ferramentas narrativas presentes na obra, em como estas se apresentam, se destacam e se diferenciam em uma história em quadrinhos. Assim, compreendemos como a linguagem dos quadrinhos (Groensteen, 2015) foi relevante para o desempenho da narrativa, para além do formato, é um instrumento dentro do processo comunicacional que desempenha seu papel de maneira singular. Uma vez que a obra em questão é um exemplo de como as histórias em quadrinhos podem ser ambientes para explorar temas como memória e identidade, assim, reforça o espaço da narrativa em quadros como ambiente de potencialidades e diversidade.

Palavras-Chave: Linguagem. Histórias em quadrinhos. Mulheres. Marjane Satrapi.

Abstract

This paper identifies the narrative concepts proposed by Yves Reuter (2002) in the graphic novel *Embroideries* (2010) by Marjane Satrapi, composed of short stories based on the personal experiences of the women in her family. We focus particularly on the narrative tools present in the work, examining how they are presented, emphasized, and distinguished within the comic format. Thus, we understand how the language of comics (Groensteen, 2015) plays a significant role in narrative performance—not merely as a format, but as a communicative instrument with unique expressive potential. This work serves as an example of how comics can be a powerful medium for exploring themes such

¹ Artigo produzido a partir de um trabalho apresentado no Intercom Nordeste 2025, no Grupo de Trabalho GT01 - A linguagem dos quadrinhos: epistemologia da comunicação entre quadros

² Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário INTA (UNINTA). Membro do Grupo de Estudos de Histórias em Quadrinhos Oficina Invisível da Universidade Federal do Ceará (UFC).
E-mail: larabiancalima@gmail.com

³ Pós-doutora em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: propesp@uninta.edu.br



as memory and identity, reinforcing the graphic narrative space as one of potential and diversity.

Keywords: Language. Comics. Women. Marjane Satrapi.

Introdução

A comunicadora visual Marjane Satrapi, nascida em 1969 na cidade de Rasht, neta do último imperador persa do Irã, teve educação ocidental no liceu francês de Teerã e foi criada sob a tradição da cultura local. Assistiu à derrubada do Xá em 1979 e o modo de vida em seu país se transformar. Dez anos depois, iria mudar-se para França, convivendo com a realidade de imigrante em todas suas singularidades. Após concluir o ensino médio, retornou ao Irã e se matriculou na Universidade Islâmica Azad de Teerã, onde concluiu o bacharelado e posteriormente um mestrado em Comunicação Visual. Em 2000, na França, publicou sua primeira obra, a autobiografia em quadrinhos, *Persépolis*, que se tornou um livro símbolo do momento histórico do Irã para o ocidente, bem como um retrato da vivência da emigração do povo do Oriente Médio.

Mais tarde, em 2003, lançaria *Bordados*, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2010, outra história em quadrinhos com teor biográfico, o que reafirma seu interesse em publicar memórias e compartilhar suas vivências enquanto mulher persa. É assim que surge seu segundo livro, uma conversa íntima entre as mulheres de sua família enquanto se reúnem para um chá após o almoço tradicional oferecido pela matriarca, sua avó. A publicação permeia a narração de Satrapi como uma das personagens na conversa e muda de perspectiva ao passo em que cada uma ali conta sua experiência e de conhecidas. Elas levantam pautas relacionadas a gênero, sexo e convenções sociais impostas as mulheres ao longo da vida.

Nesta coleção de contos curtos e não lineares, Marjane Satrapi costura à sua maneira os relatos íntimos de mulheres iranianas em uma narrativa que mescla simplicidade gráfica e profundidade temática. Por meio de um estilo cartum marcado por traços visuais econômicos, porém expressivos, a autora constrói uma linguagem visual que potencializa os silêncios, os gestos e as entrelinhas do discurso feminino. Ao reunir experiências diversas em torno de temas como sexualidade, casamento, repressão e



liberdade, a obra se articula como um bordado simbólico — fragmentado, mas coeso — em que cada fala ocupa um lugar singular na tessitura da memória coletiva.

Ao considerar *Bordados* não apenas como um produto de mídia ou uma escolha estética, mas como uma obra que mobiliza a linguagem dos quadrinhos com suas especificidades narrativas, surge uma pergunta fundamental: o que pode a linguagem dos quadrinhos na construção dessa narrativa? Como os recursos próprios da linguagem quadrinística — como a justaposição de imagens e textos, os enquadramentos, os silêncios entre os quadros e o ritmo visual — contribuem para dar forma a essas histórias orais, transformando-as em discursos visíveis e politicamente significativos? Assim, a análise da obra exige um olhar atento às estratégias gráficas e narrativas utilizadas por Satrapi para representar o universo feminino de maneira crítica, sensível e profundamente autoral.

Levando em conta ainda o contexto, para estabelecer a potencialidade do uso da linguagem dos quadrinhos como compreende Thierry Groensteen (2015), a fim de entender o papel central da narração na obra, a metodologia escolhida foi a de Yves Reuter em *Análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração* (2002). Uma vez que o método identifica as ferramentas usadas para ligar a história ao leitor tais como foco, tempo e espaço. Por meio desta observamos como o formato em quadrinhos permite e evoca novas perspectivas quanto a ação de narrar uma história.

Metodologia

A base teórica do estudo de histórias em quadrinhos que utilizamos é a de Thierry Groensteen em *O Sistema dos Quadrinhos* (2015). O autor defende a autonomia das histórias em quadrinhos como uma linguagem própria, e não uma ferramenta ou fenômeno proveniente de algo. Em sua compreensão, esta linguagem possui sua própria dinâmica semiótica e o que nomeia de solidariedade icônica. Isto é, ele defende que cada quadro coexiste em um sistema, o significado é o agrupamento e sequenciamento dos quadros dentro da narrativa. Nada ali existe de maneira isolada, mas sim em um sistema solidário onde cada componente tem seu significado e compartilha ao mesmo tempo que integra a significância dos outros componentes que formam a obra em quadrinhos.



A plasticidade da história em quadrinhos, que lhes permite veicular mensagens de todo tipo e narrações outras que não a ficção, demonstra que, antes de ser uma arte, os quadrinhos são linguagem. Porém, não é necessário, neste ponto da reflexão, forçar ainda mais a preocupação quanto a delimitar o meio. Basta a nós saber que não é possível conceituar os quadrinhos sem verificar a regra geral já enunciada, a da solidariedade icônica (Groensteen, 2015, p. 29).

Desta maneira, podemos aqui compreender a potência narrativa de *Bordados* dentro desta linguagem, mesmo que a obra exista em algumas particularidades. Como a omissão das molduras, abuso de espaços vazios, calhas e letras cursivas. Escolhas estéticas da autora para contribuir com o tom de conversa coloquial, diário e confessional, que a obra procura transmitir.

Ao compreender os quadrinhos como uma linguagem que possibilita a narração de histórias em uma perspectiva particular, que difere por exemplo da literatura e cinema. Uma vez que, não somente a forma distingue-se, por muitas vezes se redefinem, como a ideia de narrador. Neste campo, existem debates ativos. Ricardo Jorge de Lucena Lucas, em artigo publicado em anais das Jornadas Internacionais de História em Quadrinhos (2011), aborda a presença tanto de um narrador quanto de um 'mostrador-sinalizador'. Estes podem existir de maneira ativa ou indefectível na disposição dos quadros. Não há uma unidade estrutural rígida, mas existe de forma múltipla e diferencia-se inclusive dentro de si.

Assim, é relevante compreender a obra e suas características centrais para apontar uma metodologia que caiba para sua compreensão assertiva. Por este motivo, no presente estudo, identificamos e caracterizamos a narrativa da obra *Bordados* (Satrapi, 2010), de Marjane Satrapi, segundo a análise narrativa de Yves Reuter (2002). Ao considerar que esta e as demais obras de Satrapi – *Persépolis* (2007) e *Frango com Ameixas* (2008) – são narrativas homodiegéticas de focalização interna.

Foi uma escolha consciente utilizar apenas duas referências centrais na análise, a fim de tornar o processo mais direto, focado e coeso com os objetivos propostos nesta investigação. Essa delimitação metodológica busca não apenas simplificar o escopo da pesquisa. A partir desse recorte, é possível examinar de forma mais precisa quais ferramentas narrativas a autora mobiliza para construir os acontecimentos vivenciados pelas personagens, bem como compreender como os elementos específicos da linguagem quadrinística — como o ritmo entre quadros, a disposição espacial das vinhetas, os silêncios e as expressões visuais — contribuem para a construção do sentido na narrativa.



Esse enfoque também permite valorizar o papel da forma na mediação da experiência das personagens, revelando como as escolhas gráficas e narrativas estão intimamente ligadas às dimensões afetivas, culturais e simbólicas do enredo apresentado.

Para tanto, a metodologia foi aplicada da seguinte forma: identificar dentro da obra as estruturas que Reuter (2002) adota como centrais para a construção de uma história. Após identificar ‘narrador’, ‘focalização’, ‘tempo’, ‘espaço’ e ‘personagens’, seguiremos para a compreensão destes dentro do espaço da linguagem das histórias em quadrinhos (Groensteen, 2015), como se apresentam e como efetivam a construção da narrativa. Assim, ao identificar os elementos narrativos da obra, e compreender como as características da linguagem dos quadrinhos atuam, iremos responder à questão desta pesquisa: o que pode a linguagem dos quadrinhos na narrativa de *Bordados*?

Análise e resultado

Reuter (2002) define que o narrador é fundamentalmente constituído pelo conjunto de signos linguísticos que dão uma forma mais ou menos aparente àquele que narra a história. No caso de *Bordados* (Satrapi, 2010), o narrador é homodiegético, ou seja, Marjane Satrapi se coloca como parte da história ao narrar suas próprias vivências e as de sua família. A ‘focalização’, por sua vez, é internamente variada, pois a narrativa não se limita ao ponto de vista de um único personagem, tendo em vista que cada experiência é contada por uma mulher ali presente. Ao longo da obra, os leitores têm acesso a diferentes narradoras, o que permite um olhar mais amplo sobre a conjuntura social e as relações entre as mulheres por meio de comentários e posicionamentos diversos.

A escolha dessa focalização múltipla contribui para que as vozes femininas se destaquem e mostrem as diversas formas que a sociedade patriarcal afetou ativamente suas vidas. Na linguagem de quadrinhos esta mudança de perspectiva acontece de maneira direta, a parente que inicia a narrativa em seus balões de diálogo e logo há a compreensão de que esta personagem irá narrar a próxima história. De forma compartilhada, outras personagens intervêm e comentam sobre o que estão narrando, complementam com fatos e dão sua visão.

A definição de perspectiva apresentada por Reuter destaca seu papel central na organização da narrativa e na construção do sentido. Ao determinar quem observa, relata

ou compreende os eventos da história, o ponto de vista molda diretamente a experiência do leitor. Ele não apenas seleciona o que será revelado ou oculto, mas também influencia como as informações serão interpretadas. Quando atribuído a um personagem, o ponto de vista permite acesso subjetivo a emoções e pensamentos, criando empatia ou tensão. Essa escolha não é neutra nem meramente técnica: ela orienta a leitura, estabelece prioridades e estrutura a maneira como o universo narrativo será percebido. Assim, mesmo que Satrapi coloque várias narradoras, todas estão unidas ao propósito de apresentar a perspectiva feminina sobre as relações de gênero no Irã.

Satrapi propõe em suas páginas colocar o leitor dentro da roda de conversa, como na Figura 1, quadros com diversos balões e diversas personagens dão o tom da narrativa feita dentro de uma coletividade. A narradora neste momento conta a história de sua vida, de quando morava na Europa e namorou um estrangeiro, mas retornou ao Irã devido ao insucesso do relacionamento. Com os questionamentos das familiares, complementa seu discurso a respeito das circunstâncias em que se deram o término.

Figura 1



Fonte: Bordados, 2010

Por isso, o ‘tempo’ não segue uma sequência linear rígida; ao invés disso, há um jogo entre o presente e o passado, com os diálogos das personagens sendo intercalados por analepses, retrospectivas, que revisam memórias e eventos passados em uma decupagem é sutil, por não haver delimitação de quadros. Groensteen (2015) dá o exemplo de *Watchmen* (Moore; Gibbons, 1986) como um quadrinho que utiliza a narrativa não linear e como a compreensão de tempo se dá na sequência de vinhetas.

Em *Bordados*, a relação entre passado e presente é constante, assim, a autora busca alguns recursos para localizar o leitor, como na sequência de páginas da Figura 2 que Marjane volta a juventude de sua Avó em uma página em negativo (preta com desenhos em branco) e retorna ao presente na página seguinte, já no design padrão (branca com desenhos em preto) mostrando a matriarca já idosa.

Figura 2



Fonte: Bordados, 2010

O tempo, bem como a relação de passado e presente é uma forte ferramenta narrativa para Satrapi, em sua obra anterior, *Persépolis*, a autora dedica-se a construir sua biografia como um romance de formação, isto é, uma narrativa que expõe momentos chave para a construção da personalidade e dos valores da personagem ao longo de sua vida, principalmente infância e juventude. *Bordados* não obrigatoriamente remonta o



passado das personagens em busca de estabelecer uma relação direta com suas personalidades, mas também apresenta histórias do passado que influenciam o leitor a compreender o presente. Como sua tia, que não teve um casamento arranjado, conseguiu casar com quem amava, mas foi traída por seu cônjuge, e na linha do tempo atual é melancólica e descrente no amor.

Ao longo da narração, as familiares comentam e posicionam-se sobre o que ouvem, esta é uma das formas com que a obra nos evidencia traços identitários das mulheres da família de Marjane ali reunidas. Os ‘personagens’ em *Bordados* são retratados de forma complexa, com características bem definidas e com foco em suas emoções e atitudes. Elas possuem um desenvolvimento mais profundo, ressaltam suas contradições e aspirações. Além disso, as personagens femininas desempenham um papel central na obra, cada uma delas apresenta uma função simbólica ao compartilhar suas trajetórias de vida e as estratégias para lidar com as imposições sociais e culturais.

Os agentes que realizam as ações e vivem os acontecimentos. Eles são também os suportes dos traços psicológicos, sociais, morais e físicos que lhes são atribuídos pelo narrador. Esses traços não são distribuídos ao acaso: constituem sistemas coerentes que contribuem para a produção de sentido (Reuter, 2002, p. 67).

Reuter evidencia a importância da construção dos personagens como elementos fundamentais para a articulação da narrativa. Ao desempenharem ações e vivenciarem os acontecimentos, essas figuras não apenas movimentam a trama, mas também representam sistemas simbólicos que refletem valores, conflitos e estruturas sociais. Sua caracterização, longe de ser aleatória, está vinculada a escolhas narrativas intencionais que colaboram para a produção de sentido. Dessa forma, a análise dos personagens permite compreender como o narrador estrutura o enredo e comunica ideologias, contribuindo para a complexidade e a profundidade da narrativa.

Ao analisar a Figura 3, onde todas as personagens estão expostas na página, uma em cada quadro – mesmo que não existam calhas, há o corte gráfico entre as sequências – pedindo para Marjane narrar um episódio que ocorreu com uma amiga próxima. É possível perceber como cada uma tem sua forma de comunicar e persuadir a narradora, evidenciando ali a distinção de cada uma como personagem independente.

Figura 3



Fonte: Bordados, 2010

Esteticamente, há o cuidado de cada uma apresentar características físicas que as distingam com facilidade, comprimento dos cabelos, rugas, roupas e acessórios. O estilo cartum, por ter traços simples, possibilita a associação rápida de cada design. Já os balões de diálogo, por serem uma forma de discurso direto, permitem que compreendamos a personalidade delas pela forma com que se expressam e como possuem visões distintas umas das outras sobre os mesmos assuntos expostos.

Uma vez que compreendemos que “A personagem como individualidade reconhecível se dissolve quando todas as personagens se assemelham entre si, destruindo a própria ideia de identidade” (Groensteen, 2015, p. 26).”. Assim, personagens que se confundem entre si tornam-se previsíveis e descartáveis, enfraquecendo o envolvimento do leitor e prejudicando o desenvolvimento do enredo. A identidade, nesse sentido, depende diretamente da diferenciação, da diversidade de experiências, visões de mundo e conflitos internos. A narrativa eficaz é aquela que oferece sujeitos ficcionais únicos e identificáveis, cujas trajetórias contribuem para a multiplicidade de sentidos do texto.

Por isso há o cuidado em distinguir cada mulher presente na conversa para não deslegitimar suas identidades. A linguagem coloquial e o discurso direto dos quadrinhos por meio dos balões nos permitem perceber as características centrais da personalidade de cada uma com base em suas falas, e claro, as ilustrações distinguem cada uma



esteticamente. O apelo visual da ilustração também colabora para a compreensão das emoções, tendo em vista que os desenhos em nanquim de Satrapi são minimalistas e priorizam a expressividade.

Considerações finais

Como Satrapi já esclareceu que suas obras são quadrinhos porque é a linguagem que acolhe suas memórias e sua identidade (Satrapi, 2003). A escolha revela-se não apenas uma decisão estética, mas também uma estratégia narrativa poderosa. Ao unir texto e imagem, Satrapi constrói uma ponte entre a memória pessoal e a história coletiva, democratiza o acesso a temas complexos como repressão e identidade cultural. A aparente simplicidade do traço e o uso do preto e branco contrastam com a densidade da narrativa e proporcionam ao leitor uma experiência emocional intensa e acessível. Dessa forma, a autora reafirma o potencial dos quadrinhos como meio legítimo de expressão artística e política, ao romper barreiras entre o pessoal e o universal, entre o Oriente e o Ocidente, e entre o literário e o visual. Para tanto, *Bordados* não poderia ser outro que não uma história em quadrinhos.

"Bordado", em sua definição rápida, é uma prática artesanal de ornamentação têxtil que, além de seu valor estético, carrega significados simbólicos e culturais, frequentemente associados à feminilidade, memória e tradição. Também carrega sentido relacionado ao estigma da virgindade, já que representa, no Irã, o procedimento cirúrgico de reconstituir o hímen (Satrapi, 2010). E ainda, na obra analisada, é atribuído também seu sentido conotativo de costurar uma história na outra. O título faz sentido na união de todas as definições da palavra, representa uma costura – atividade majoritariamente feita por mulheres – é o paradigma da virgindade, sexualidade feminina e a união das histórias de várias mulheres. A experiência de ser mulher nunca é solitária, diferentes personalidades e vidas encontram-se em um denominador comum, o desafio de existir em um mundo tão patriarcal. Mesmo que a autora estabeleça um olhar mais expositivo, não tão crítico como em *Persépolis*, aos acontecimentos que narra – tanto o texto, quanto as ilustrações – ela almeja compor uma unidade. O feminino apresenta-se aqui como uma experiência coletiva. Enquanto *Persépolis* propõe introduzir ao público ocidental uma vida atravessada por questões sociopolíticas incompreendidas e estigmatizadas, sua



segunda obra busca fazer-nos – enquanto ocidentais – compreender que a materialidade do ser mulher existe em uma coletividade.

Bordados tem um contexto feminino presente, forte e usa da linguagem para construir seu sentido. Descortina uma comunicação feminina coberta por véus e ao considerarmos a tapeçaria no oriente médio, com sua força identitária, configura-se como espaço de comunicação, o dito, escrito, o imagético, a história em quadrinhos.

Os dramas, desafios e realizações das iranianas reunidas ali não são tão distantes quanto os enfrentados por outras mulheres em um parâmetro global. Inclusive, em dado momento, Tia Parvine comenta como os ocidentais são mais livres, logo em seguida Tia Zozan afirma que apenas se escondem em uma suposta liberdade enquanto mulheres seguem estigmatizadas. O que se prova em vários momentos abordados, como a tia que se casou por amor, mas se divorciou após anos de traição, ou a que o marido só a procurava para ter relações sexuais com o objetivo de ter filhos e nunca a satisfação. Situações que não precisamos atravessar oceanos para conhecer.

Referências

- ASSIS, Erico. **Persépolis, 20 Anos**, Blog da Companhia da Letra, 04/09/2020. Disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaCompanhia/Post/5374/persepolis-20-anos>.
- GROENSTEEN, Thierry. **Comics and narration**. Jackson: University Press Of Mississippi, 2013.
- GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.
- LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. Narratologia e HQS: o problema do “narrador”. In: **Jornadas internacionais de histórias em quadrinhos**. São Paulo: Usp, 2011.
- REUTER, Yves. **Análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- SATRAPI, Marjane. **Bordados**. Tradução Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SATRAPI, Marjane. **Why I wrote Persepolis**, 2003. Disponível em: <https://greatgraphicnovels.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/whyiwrotepersepolis1.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2025.